

O BRICS e a guerra russo-ucraniana

Lier Pires Ferreira

Professor do IBMEC e do CP2. Pesquisador do LEPDESP (UERJ/ESG) e do NuBRICS (UFF)

Com aproximadamente 3 bilhões de cidadãos e uma parcela considerável do PIB mundial, o BRICS tem nítido potencial para influir no tabuleiro geopolítico global. Isso é tão ou mais verdadeiro quando um de seus membros, a Rússia pontifica o primeiro conflito bélico entre países europeus no século XXI.

Russos e ucranianos dividem suas histórias e raízes étnicas. Portanto, a guerra russo-ucraniana é uma guerra fratricida, onde sobram identidades entre as forças em pugna. Mais do que um conflito europeu, trata-se de uma guerra eslava, o que, como visto na decomposição da antiga Iugoslávia, sugere uma guerra sangrenta, com total desrespeito ao *Jus in Bellum*.

Considerando a reação global ao conflito, é nítido que as potências da OTAN querem fazer que os russos sangrem até o limite da "inanição", considerando não exatamente o teatro de guerra, mas o plano socioeconômico. Afinal, com um PIB equivalente ao do Brasil, os russos não têm condições econômicas de sustentar um conflito prolongado com a Ucrânia, ora suportada por fundos euro americanos.

Logo, em que pese seu sofisticado arsenal bélico, onde se destacam os mísseis hipersônicos contra os quais as defesas estadunidenses não possuem eficácia comprovada, os russos poderiam capitular num prazo relativamente breve, mormente em face das sanções às quais estão sendo submetidos. Tais sanções, algumas inéditas, jamais foram aplicadas a uma superpotência, sendo necessário mencionar que os EUA são o país que mais viola a soberania de outros povos, conte ou não com o apoio das Nações Unidas em suas aventuras militares.

Neste cenário, não é difícil supor que caberá à China um papel decisivo na contenda entre russos, ucranianos e a OTAN. Digo isso porque, sim, os EUA e seus aliados não apenas são partícipes da guerra, mas, também, um de seus principais vetores. Se a China apoiar os russos, e o fará, irá atrair para sua órbita não somente a segunda maior potência bélico-nuclear do planeta, mas inúmeros países que, por motivos diversos, virarão o rosto contra o Ocidente.

Tal se dá pois, hoje, a disputa geopolítica global não se dá entre Rússia e EUA, mas, essencialmente, entre esse último e a China. Vivemos uma **Guerra Fria 5G**, na qual rotas mercantis, fluxos de investimentos, sistemas de pagamento, tecnologias e outros fatores são tão ou mais importantes que arsenais bélicos. É neste sentido que o BRICS ganha especial destaque, pois, além da Rússia, a China exercerá papel central na guerra russo-ucraniana. Quer pelo financiamento à máquina de guerra russa, quer pela suavização das sanções impostas pelas potências ocidentais, os chineses serão decisivos.

Neste contexto, Brasil, Índia e África do Sul poderão exercer um importante papel político-diplomático. Nos fóruns BRICS, como em outros, poderão protagonizar ações em favor da paz e do multilateralismo, concertando uma solução

pacífica para a guerra eslava e incidindo na rotação do eixo geoestratégico global. Ao nosso sentir, este eixo, Atlântico desde o século XVI, quando os portugueses redesenharam o mundo, agora desloca-se resolutamente para o Oriente, com resultados que ainda não são previsíveis.